

Uma capital nordestina inscrita no sertão: as condições de produção de um discurso sobre a imagem de Teresina

A capital inscribed in the northeastern hinterland: the conditions of production of a discourse on the image of Teresina

DOI: 10.20396/lil.v25i50.8670790

José Mágn0 de Sousa Vieira¹
UNEMAT

Resumo

Este trabalho tenciona as formações imaginárias do funcionamento dos sentidos de Nordeste. Questiona, pela língua, a história da uniformidade na identificação do nordeste brasileiro enquanto lugar de nordestinos, sujeitos indistintos que compartilhariam as mesmas cultura e história a serem reverberadas pela mesma materialidade significante. Para tanto, propõe-se uma vereda interpretativa atravessando três pontos, a saber: o processo de colonização do Piauí a partir do sertão frente ao dos demais estados nordestinos que o fizeram arranhando o litoral; a peculiar posição geográfica de Teresina, única capital do nordeste fora do litoral e seu vínculo com os rios Poti e Parnaíba; a imagem de cidade de Teresina atada a duas das pontes sobre os citados rios².

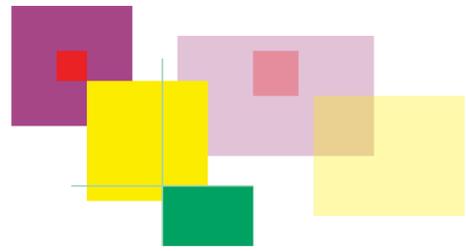
Palavras-chave: Condições de produção, Língua, Imagem, Nordeste; Cidade de Teresina.

Abstract

This work intends the imaginary formations of the functioning of the Northeast senses. It questions, through the language, the history of uniformity in the identification of the Brazilian northeast as a place of northeastern people, indistinct subjects who would share the same culture and history to be reverberated by the same significant materiality. To this end, an interpretative path is proposed, crossing three points, namely: the process of colonization of Piauí from the hinterland compared to the other northeastern states that did so by scratching the coast; the peculiar geographical position of Teresina,

¹ Doutor em Linguística pela Universidade do Estado de Mato Grosso (UNEMAT). Professor de Linguística e Língua Portuguesa da Universidade Estadual do Maranhão (UEMA).

² O presente trabalho é um recorte de minha pesquisa de tese de doutorado em Linguística defendida em 2022 no PPGL/UNEMAT sob orientação da prof.^a Dra. Ana Luiza Artiaga Rodrigues da Motta.



the only capital in the northeast outside the coast and its link with the Poti and Parnaíba rivers; the image of the city of Teresina tied to two of the bridges over the aforementioned rivers.

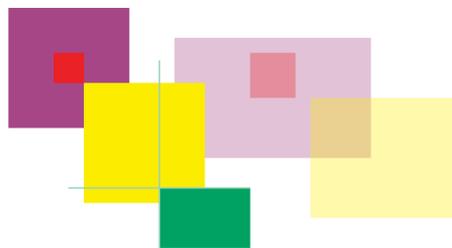
Keywords: Production conditions, language, Image, Northeast; Teresina city.

Um primeiro desdobramento da história no fio do discurso

Este texto repercute três questões que conduziram a minha pesquisa de doutorado que considero importante aprofundar pelas tensões que evocaram quando colocadas em relação com o real da história. Isto é, ao se tencionar o real pela história dos sentidos que a língua eleva à significação, uma desnaturalização de sentidos (im)postos e tomados como verdades passa a dar pistas, a colocar sobre suspeição alguns imaginários cristalizados, tais como o que dá sentido ao fato de que o Nordeste brasileiro é uma unidade cujo falar, por exemplo, é uníssono, uma cultura é compartilhada pelos nove estados, e cuja história de invasão/ocupação/colonização por parte da metrópole portuguesa foi igual em todos eles.

O elemento que tomo como configurador de tensão a questionar essa unidade tem a ver com o modo como se dispõem as capitais do nordeste. Teresina, aponta para a desnaturalização desse sentido porque destoa do lugar comum às capitais, se dispõe fora do litoral. Ao deter o olhar sobre essa cidade e perceber que ela aponta para a história da devassa nordestina que, para além do arranhar o litoral, também se deu a partir do sertão, parto, como o faz Pêcheux (2015, p. 49), do provérbio chinês que assim se formula: “Quando lhe mostram a lua, o imbecil olha o dedo”, o qual conclama uma reflexão a respeito do que a cidade mostra ao imbecil que olha para o dedo. Algo deixado opaco no processo de constituição do Nordeste, do Piauí, constitutivo da memória precisa ser lido.

Se antes de a capital ser Teresina, a sede do Piauí ficava no agreste nordestino, em Oeiras, se agora sua capital fica na região de transição Sertão/Amazônia, Meio-Norte, e parece ‘esnobá’ o litoral, uniformidade geo-político-administrativa do nordeste brasileiro, um sentido está aí latente, como que a dizer de um processo de colonização a reverberar na



própria imagem de cidade de Teresina que, longe da imagem de praias, 'afoga-se' na imagem dos rios e desloca-se nas imagens de suas pontes.

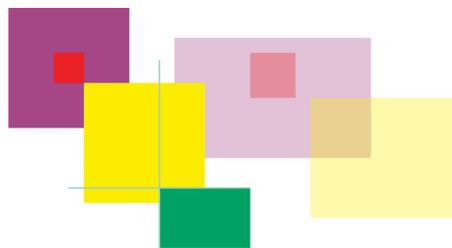
Assim, o que pretendo trazer é um tocar no sentido da imagem que não retém, mas reverbera um sentido de cidade. A imagem de cidade apontando para um lugar na história que, pela língua, diz daquilo que questiona, tal como discursiviza Caetano Veloso: "A que será que se destina?" essa imagem de cidade? Conforme Pêcheux (2015), há um trajeto de leitura na imagem que ela não detém no que se inscreve nela. Esse trajeto aponta para algo que não se limita a ordem, a montagem. Esse trajeto aponta para a história dos sentidos.

Nesse entendimento, quando penso na imagem de cidade de Teresina, compreendo que ela, quando não diz do discurso do turismo canônico em se tratando do nordeste praieiro por estar fora do litoral nordestino, diz de um outro ponto de vista, e aqui me pontuo nos postulados saussurianos para compreender que esse gesto cria um outro objeto de discurso.

No entanto, em determinado ponto essa capital sertaneja em pleno nordeste litorâneo diz justamente dos motivos de aí não estar. Diz, portanto dos processos históricos que a fazem significar fora desse eixo prototípico. Sua espacialização aponta para a colonização que vai na contramão do já feito. O que provoca uma inquietação que conclama a reflexão sobre como se deu o processo mesmo das formulações discursivas que dizem do Nordeste, do nordestino, do Piauí e de Teresina para que seja possível compreender sua imagem de cidade imbricada às imagens de duas de suas pontes.

1 O Nordeste e o sujeito nordestino

O termo *Nordeste* liga-se aos sentidos culturais que circulam na atualidade, como a significar uma certa uniformidade regional, exótica e peculiar que impõe-se à memória coletiva, a partir da década de 1920 pelas elites regionais, especificamente as de Pernambuco, conforme Albuquerque Júnior (2013). Nos termos do mesmo, *Nordeste* e *sertanejo* funcionavam como correlatos até que *nordestino*, começa a deslocar-se de uma designação mais pontual atrelada aos territórios de Alagoas e Ceará e a avançar para o Piauí e ao Maranhão. A respeito disso, estabeleci um deslocamento discursivo para refletir sobre o fato de que:



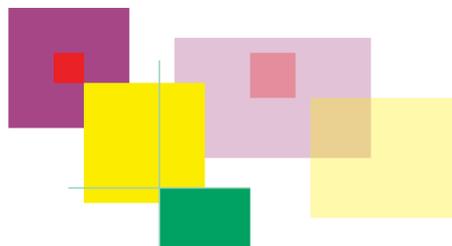
A perspectiva histórica das formulações “Nordeste” e “nordestino” faz pensar, pelo discurso, o modo como o pré-construído de uma unidade nordestina homogênea e artificial significa nacionalmente a partir de um ideário forjado por uma elite que discursivamente caricaturou o Nordeste. A formação imaginária nordestina unificada pelo gentílico “nordestino” parte dos mesmos liames administrativos do espaço colonial em que se estabelece o território piauiense, Pernambuco (VIEIRA, 2022, p. 50).

Esta reflexão toca a questão da colonização do Piauí a partir do sertão desviando-se da rota ‘natural’ de seguir o curso do rio São Francisco e desviar para a região até então não devassada conhecida como ‘sítios do Piauí’ que incutiu na chegada ao rio Parnaíba que hoje divide os estados do Piauí e Maranhão. Essa investida que faz os colonizadores invadirem o território piauiense parte de Pernambuco e da Bahia por meio da Casa da Torre, uma empresa que, conforme Nunes (2007) era governada por uma família financiadora das investidas de expansão pecuarista sobre o sertão do nordeste.

Já em um outro período histórico, a partir de Pernambuco se forja a designação “nordestino” que passa a circular e a significar um ideário de aglutinação que se formula na língua e significa na história. O termo *nordestino* passa a cobrir toda uma dobra significativa de designata não uniformes que, pelo pré-construído, passam a fundir nove estados, cada qual com suas peculiaridades, em uma única identidade para o bel prazer de uma elite desidentificada com o real do nordeste e identificada com o real de sua própria casta.

No que concerne ao funcionamento de *nordestino*, Albuquerque Júnior (2013, p. 229) o toma como “[...]ponto de encontro entre certo número de acontecimentos históricos [...] um conjunto de operações de construção de um sujeito histórico, de um sujeito regional, de um personagem extremamente importante para a história política e cultural do Brasil”. O sujeito nordestino é, portanto, um acontecimento de linguagem que se tece na história para além do “semanticamente normal” que a elite forja para si. Essa posição-sujeito, historicamente demarcada e linguisticamente formulada como “nordestino” passa pelos processos de identificação que o fazem significar o real do nordeste e do sertão nordestino que servem de pano de fundo de sua constituição.

O termo escapa ao que se pretendia encapsular com ele, o sujeito nordestino. Nesse entendimento compreendo que tal sujeito: “muitas vezes, é escamoteado, pela tentativa de representar, pelo sotaque, pelos atrativos, pela culinária, pela música, enfim, pela cultura, como um ser uniforme e constituído a partir do mesmo lugar” (VIEIRA, 2022, p. 50). O que



se tem de fato, a partir do mesmo lugar é a formulação de um pré-construído, em Pernambuco, de onde se propaga e pulveriza uma ideia de nordestino comum a todos os estados e sujeitos que habitam o Nordeste.

É preciso aproximar esse dizer sobre nordeste e nordestino ao dizer sobre Piauí e piauiense no que concerne ao modo como se pensa o sertão do nordeste enquanto lugar de partida da marcha de ocupação e colonização desse estado pela devassa e dizimação do nativo no intuito de tomar posse de um território.

É nessas condições de produção que se insere a configuração de um território desinteressado pelo litoral e identificado com o sertão, seu umbigo, de onde se forjará Oeiras em região agreste, primeira capital piauiense após sua emancipação jurídico-política de Pernambuco e Bahia. O que dará consequência, *a posteriori*, à disposição da sede de estado em Teresina em região de transição (sertão-amazônia, meio-norte), também fora do litoral, e provocará, pela linguagem, um elo entre a cidade e os rios Poti e Parnaíba e às pontes Metálica e Estaiada que, pelo simbólico, significam sua imagem de cidade.

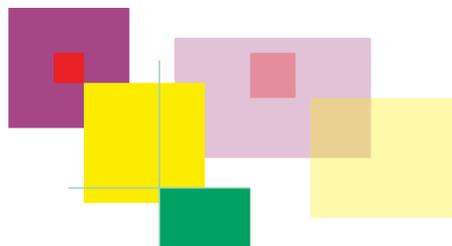
2 O processo de colonização do Piauí a partir do sertão nordestino que forja o sujeito

As relações de força, daquilo que se trava no Piauí nas disputas pelo poder entre a já citada Casa da Torre e os pecuaristas já identificados enquanto piauienses, provocam tensões sobre os ditames advindos de Pernambuco e da Bahia.

Nos termos de Nunes (2007), o piauiense:

É o herói obscuro do povoamento da hinterlândia brasileira. Serve para a associação dos nódulos populacionais do Brasil colonial [...] Em tão rápido decurso do século XVII, obraram aqueles vaqueiros um verdadeiro milagre de realizações Nunes (2007, p. 104).

O movimento discursivo de (re)formulação do sujeito piauiense, no processo de identificação, tece no/pelo discurso histórico o modo sobre como o sujeito piauiense se concebe em sua identificação. Ao iludir-se de que seja ele quem se identifica, como se nada agisse sobre ele, como se nada lhe empurrasse a querer ser ou estar, o que se instaura é uma tomada de posição-sujeito determinada.



[...] por meio de uma “tomada de posição” que consiste, desta vez, em uma separação (distanciamento, dúvida, questionamento, contestação, revolta...) *com respeito ao que o “sujeito universal” lhe dá a pensar*: luta contra a evidência ideológica, sobre o terreno dessa evidência afetada pela negação, revertida a seu próprio terreno. Essa reversão apresenta traços linguísticos: “*aquilo que você chama crise [X], suas [Y], tua [Z]* (como se alguém dissesse “tua neurose!”). (PÊCHEUX, 2014a, p. 199) (grifos meus).

Para articular o deslocamento que se dá no processo de assujeitamento da tomada de posição no processo de identificação e na contraidentificação, é necessário (des)sintagmatizar o discurso de Nunes (2007), que diz na posição de historiador, em sequências discursivas (SD):

SD1: O bandeirante *transmuda-se* em curraleiro, encourado, centauro do Nordeste, nômade, solitário, individualista, temerário.

SD2: {o bandeirante} *Adapta-se* à contingência duma nova vida.

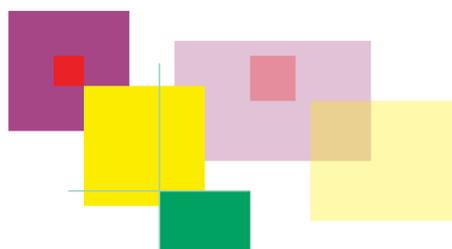
SD3: {o bandeirante} É o *herói obscuro do povoamento* da hinterlândia brasileira.

SD4: {o bandeirante} Serve para a associação dos *nódulos populacionais do Brasil colonial*.

As formulações permitem compreender as diferentes formações discursivas, cada qual em uma dada posição ideologicamente marcada. O que se percebe, pelo discurso, refere-se à posição sujeito, o *bandeirante*, o desbravador do Piauí, aquele que, vindo de fora para descobrir o que ainda não existia, expulsou o tido como selvagem pelo bandeirante, aquele que ao (r)existir torna-se empecilho perigoso, imprevisível. Não é com o nativo que o sujeito piauiense em processo de ‘vir a ser’ se identifica. Ao contrário, é contra ele que tal sujeito se põe e se aproxima do bandeirante.

Na relação entre o nativo e o invasor, o piauiense se aproxima das práticas bandeirantes. O nativo é expelido, o bandeirante *transmuta-se*. Esse *transmutar-se* reconfigura uma dada identificação.

Ocorre uma incompreensão do assujeitamento a uma força que se impõe pela linguagem. Há o lugar de insurgência do sujeito, lugar no qual já se encontra o sujeito, o bom sujeito, que se identifica e que, nos termos de Pêcheux (2014a, p. 199) “[...] realiza seus efeitos “em plena liberdade”. É desse modo que, por meio das sequências discursivas, enuncia que esse sujeito, no curral é *curraleiro*, no vestir-se de couro é *coureiro*, ao se fundir



com o gado equídeo e trazer em sua constituição física traços da Europa medieval num outro *cosmos*, o do sertão, ou seja, por ser *vaqueiro*, é *centauro do nordeste*. Assim, pelo processo de assujeitamento, o sujeito se marca enquanto posição e se significa sócio-historicamente.

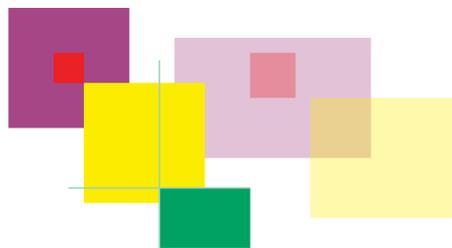
A posição sujeito piauiense que, ocupando a *hinterlândia* a povoa, o coloca já contraidentificado com a bandeira sulista. Tal sujeito não se compreende mais enquanto bandeirante, mas como um vir a ser que não é bandeirante. Nesse processo de contraidentificação o sujeito piauiense se constituirá, tomando posições outras. Nesse liame, a posição-sujeito piauiense tem sua pertença a uma discursividade relativa ao Piauí. Já se adaptou à terra que, nele, é dele. Se nega a ser os outros adjetivos (já citados), pois tomou uma posição que já se contrapõe a elas porque, em constante deslocamento das demais posições, se desidentifica. Se o sertanejo é o sujeito universal, para constituir-se piauiense, deve se contrapor ao sertanejo. Por isso, como já pontuei, a necessidade de pensar o termo *nordestino* na antonímia com o *sertanejo*, porque especifica um *sujeito nordestino*.

Nunes (2007) relata a respeito de acontecimentos que textualizam as relações de força estabelecidas nas condições de produção de discursividade sobre o sujeito piauiense:

A interferência [...] arrefeceu a exaltação de Serra, e mais tarde, quando Mocha³ foi elevada à categoria de vila, vemos um dos herdeiros dos primitivos mafrenses a pedir a El-Rei indenização das terras que passaram a construir patrimônio da primeira sede municipal da Capitania [...] Esses desentendimentos ocorreram [...] desde a primeira hora da ereção da capelinha de N. S. da Vitória. Os magnatas [...] vinham firmando seu poder na vasta bacia do Parnaíba (NUNES, 2007, p. 105) (grifos meus).

A materialidade discursiva acima oferece como leitura possível 'o fato' a saber: a freguesia sofreu tentativas de impedimento de sua saída do solo, da tentativa de florescimento urbano, elemento imprescindível ao processo de instauração de uma sede, um organismo político, em detrimento de uma célula empresarial da casa da Torre. Na nebulosa noção de posse, que passa por instâncias distintas, Igreja, reino e empresa são atravessados por distintos discursos, por movimentos da ordem do político que se significam pela língua.

³ Mocha foi o primeiro nome que a cidade de Oeiras recebeu antes de ser elevada a categoria de cidade. A toponímia remete a um riacho de mesmo nome que corta a cidade.



O espaço que se instaura entre os rios São Francisco e Parnaíba e depois entre este e o Poti é o de um entre rios, o de um entremeio, marcando-se como lugar de exterioridades que intervêm sobre o lugar, fazendo irromper disputas de ordens próprias. Um desses embates é o que se deu entre a Igreja e a empresa⁴. Não se trata aqui de pensar capital já nos moldes capitalistas em que essas disputas territoriais, a partir de relações de força pecuaristas e religiosas se deram, mas é oportuno pensar que já se encontre ao menos o protótipo da disputa pelo espólio, neste caso, pela terra enquanto moeda, enquanto capital.

Mocha irá (r)existir e quanto a isso a empresa casa da Torre nada pode fazer, mesmo tendo agido com uso da força para derrubar a 'boa obra', a 'casa de Deus' deve permanecer ereta. E o primeiro defensor deve ser o povo:

SD 5: A interferência [...] arrefeceu a exaltação de Serra [...] *quando Mocha foi elevada à categoria de vila [...] pedir a El-Rei indenização das terras que passaram a construir patrimônio da primeira sede municipal da Capitania* (Nunes (2007, p. 105).

Na SD 5, a terra é a moeda de troca sobre a qual exige-se indenização. A existência da vila é a perda de terra. Conforme surge, se expande, se espraia sobre o território piauiense, sem que se controle até onde pode ir seu limite, uma vila representa para a casa da Torre, a perda de influência sobre a terra. Por ser uma perda irreparável, o que se deve pedir ao rei é dinheiro em troca da terra que se esvaiu de seu domínio.

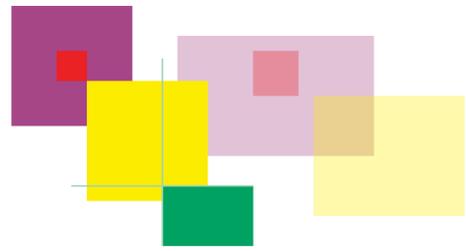
SD 6: Esses desentendimentos ocorreram [...] *desde a primeira hora da ereção da capelinha de N. S. da Vitória*.

SD 7: *Os magnatas* que vinham *firmando seu poder* na vasta *bacia do Parnaíba* eram de egoísmo e prepotência excessivamente brutais.

SD 8: Miguel de Carvalho [...] *havia denunciado que a Casa da Torre e seus sócios eram senhores de todas as terras do Piauí* que arrendam a quem as quer povoar de gados.

SD 9: desta sorte estão introduzidos donatários das terras *sendo só sesmeiros para as povoarem com gados seus*.

⁴ A casa da Torre é nomeada enquanto empresa por diversas vezes no discurso historiográfico de Nunes.



SD 10: com referência à *igreja que construíra* [...] queriam fundada *debaixo do título de sua*.

SD 11: *Tudo no Piauí deveria pertencer a esses absentistas do litoral* que pouco estavam fazendo pelo engrandecimento da terra.

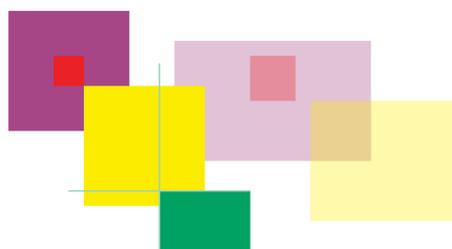
É possível observar, pelas distintas formulações, a posição dos pecuaristas vinculados à casa da Torre. O que se marca também é o discurso da posição-sujeito religioso no território piauiense além da ganância por terras, um efeito de sentido constante nas práticas discursivas coloniais. Ao mensurar a escolha entre o gado e as almas, a denúncia se instaura, pelo discurso, em uma ‘gula’ por gado. A ‘gula’ por almas, por um outro gado, um rebanho de almas a ser convertido à ‘fé verdadeira’, atravessa os ‘ativistas’ da Sé e não é algo tido, pelos que o denunciam, como um discurso do mal entrelaçado na interdiscursividade.

3. Teresina e seus rios na história que se terce pela língua

Ao discorrer a respeito dos rios Poti e Parnaíba, corpos d’água que circunscrevem a cidade de Teresina, compreendo o rio, conforme Motta (2003), enquanto texto, enquanto elemento de significação da cidade. É por meio de uma discursividade sobre eles que a cidade se espacializa, se organiza, se ordena. Desse modo, no cidadão se materializam dizeres urbanos de diversas ordens que, de certo modo, textualizam a ordem da cidade em sua relação com o rio.

No dizer de Motta (*idem*, p. 56): “O rio não está fora da cidade, dessa relação de linguagem, de poder, e dizer. Ao contrário, ele constitui, no fio do discurso, o dizer”. Assim, a tecitura da cidade se emaranha na fluidez dos rios fazendo com que circule um discurso no interior da cidade para os significar.

É preciso pensar no modo como se discursivizam os rios teresinenses, não mais no período colonial, mas no Brasil Império, nessa relação a partir de uma reflexão sobre o deslocamento do urbano do leito do rio Poti para o rio Parnaíba. As formulações que deslizam nas formações discursivas sobre a necessidade de transferência da capital para a região entre rios não suspendem o fato. Conforme se lê, Nunes (2007, p. 100-101):



SD 1. Em virtude das *contínuas enchentes dos rios, afetando notadamente a vila do Poti, a Lei Provincial Nº 140, de 1/12/1842*, havia autorizado que a mesma fosse transferida para local que oferecesse mais segurança.

SD 2. Acenaria aos potinenses, a mostrar as vantagens que se lhes oferecia sua futura sede municipal, ao converter-se em *metrópole do Piauí*.

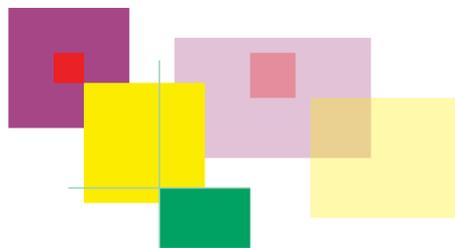
SD 3. *à margem do Parnaíba*, donde embarcado alcançou a vila de Poti, onde mantém, então os *primeiros entendimentos para a escolha do local apropriado para a sua transladação*.

SD 4. seria *a seis quilômetros ao sul da sede municipal*, no lugar já conhecido, segundo a tradição oral, *por Chapada do Corisco, à margem do Parnaíba* e em cujas proximidades havia moradores.

A concatenação de uma textualidade sobre os rios é a malha do discurso da cidade que os atravessa em uma formação discursiva dada, ou seja, como “o campo em que ocorrem repetições, mas também transformações” (INDURSKY, 2005, p. 185). Em uma posição determinada a partir da cidade, não se diz dela sem dizer de seus rios e vice-versa. No que constitui a formação discursiva “a partir de uma posição dada numa conjuntura dada, determinada pelo Estado da luta de classes, determina o que pode e deve ser dito (articulado sob a forma de uma arenga, de um sermão, de um panfleto, de uma exposição, de um programa, etc.) (PÊCHEUX, 2014a, p. 147).

O deslocamento necessário não toca mais na questão da transferência da capital para Teresina, mas o deslocamento do urbano que se manifesta pelo político. O presidente da província, legitimado pelo Estado, diz o que pode e deve ser feito. A sede do que ele almeja ser a capital deve ser deslocada para que a capital possa ser ali. É como se dissesse que se deve movimentar algo da ordem do urbano, a população de vila do Poti, a quantidade necessária da estruturação concreta do espaço urbano real, que se vê acobertado por enchentes para que o urbano passe a existir e funcionar às margens do rio Parnaíba.

No ofício de 16 de agosto de 1852, promulga-se a lei 315 por meio da qual é autorizada a mudança da capital. A Câmara Municipal de Poti/Teresina se reporta a Saraiva dizendo ter ele o “[...] mérito do melhor administrador que tem tido esta parte integrante do Império” e homenageia-o “[...] entregando-lhe por maior honra sua o glorioso título de Fundador da Cidade de Teresina”. Em dezembro do mesmo ano se dá a transferência da imagem da padroeira da



cidade da vila do Poti para Teresina, isto é, das margens do rio Poti, para as margens do rio Parnaíba. A nova matriz, não só está às margens do rio Parnaíba, como de frente para ele.

O urbano que antes estava ante o rio Poti, deslocada de seu eixo 'original', depara com o caminho das águas que é o rio Parnaíba. O rio, tal como pontua Motta (2003) toma corporeidade no processo de fundação da cidade, o que significa compreendê-lo como aquele que tanto abastece a cidade quanto funciona como meio de transporte.

3.1 Teresina e suas pontes na materialidade significativa das imagens

O urbanismo se apresenta como parte do imaginário que "interpreta", interpela o que é o urbano, sobrepondo-se à cidade, delimitando-a, desenhando seus sentidos (significando-a), assim como ao social. O redesenho do deslocamento de uma elite do centro para o leito leste do rio Poti reconfigura as relações imaginárias da cidade com esse rio que, antes compreendido como lugar das enchentes, passa a ser lido como lugar da organização. Esse lugar de concentração do "alto poder aquisitivo" baliza seu funcionamento pelo urbanístico e deixa em suspenso o funcionamento da cidade.

Desse modo a leitura (da cidade) é tomada nos termos de Pêcheux (2008, p. 54) como possibilidade de "[...] haver ligação, identificação ou transferência". É em busca dessa relação ligação-identificação-transferência, ao compreender que as pontes ligam, que os sujeitos se identificam com o simbólico as fazendo significar no urbano e no modo como se transfere essa identificação da ponte Metálica para a ponte Estaiada, do rio Parnaíba para o rio Poti, que desenvolvo um gesto de interpretação.

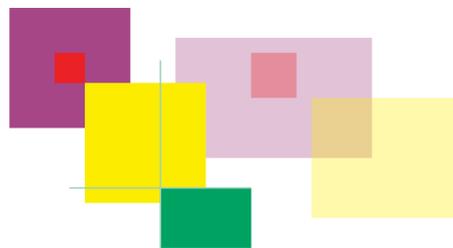


Figura 1 - casas de taipa e palha e alça da ponte de concreto sobre o rio Poti, zona leste de Teresina, em 1988. Disponível em: <https://portalpiracuruca.com/arquitetura-e-decoracao/imagem-pre-potycabana/>. Acesso em: set. 2020.



Figura 2 - Ponte de concreto Juscelino Kubitschek, dias atuais. Disponível em: <https://www.bol.uol.com.br/listas/curiosidades-sobre-teresina-a-capital-do-piaui.htm>. Acesso em: set. 2020.

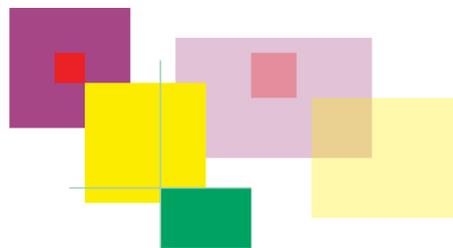


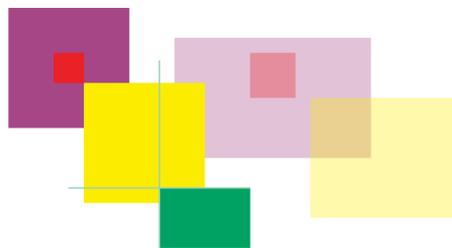
Figura 3 - Pontes Estaiada e Juscelino Kubitschek (JK). Disponível em: <http://juscelreis.blogspot.com/2011/08/teresina-159-anos.html>. Acesso em: set. 2020.

Nos termos de Orlandi (2004, p. 64), a cidade “[...] abriga o social – o “polido” – que, no entanto, se realiza administrativamente com o “policidado”, o referido à (manutenção da) organização urbana”. Desse modo, aquilo que se formula como sendo o “[...] processo sócio-espacial relevante” (FAÇANHA, 2003, p. 3) limitado a dizer da migração “[...] de populações de alto poder aquisitivo” (*idem, ibidem*) para o leito leste do rio Poti “localizados na zona Leste”, intenta suspender os moradores de casas de barro e palha como não dignos de nota dessa ocupação.

A imagem impõe ao discurso urbanístico aquilo que a Orlandi (2004, p. 64) formaliza como sendo “[...] o discurso da cidade, assim como a materialidade própria da cidade, [que] seriam construídos de falhas, de possíveis, de sentidos ainda irrealizados que sustentam na falha e na incompletude a possibilidade de novos sentidos”.

Nos anos 1950, a ponte de concreto sobre o rio Poti (Fig. 1) faz irromper o deslocamento da elite do centro da cidade, às margens do rio Parnaíba, para o leito leste do rio Poti. Por meio disso começa o processo de significação da cidade para lá.

Partindo desse acontecimento, invisto em uma perspectiva ancorada na Análise de Discurso que faz com que a leitura da questão da imagem compreenda que o sentido na imagem tem sua trajetória (ORLANDI, 1996). A construção da ponte dá expansão à cidade que se amplia ao mesmo tempo que lhe dá mobilidade. Com a construção e a ressignificação



provocada pelo urbano, os ribeirinhos são achatados na imagem e construções novas são edificadas sobre as suas.

As imagens das pontes sobre o rio Poti (Figs. 2 e 3), dizem da primeira ponte, JK, e da nova ponte, Estaiada; do que significou a existência das pontes ante a ausência das mesmas no que se refere ao modo como o ato delas serem pontes e funcionarem como elos, como liga(ções) entre os dois lados do rio, faz com que pelas imagens signifiquem o contemporâneo posto em relação com o passado desse atravessamento urbano. Penso na díade ordem *versus* organização, tal como Orlandi (1999, p. 8) a formula, “[...] a ordem do domínio do simbólico (a sistematicidade sujeita a equívoco), na relação com o real, enquanto a organização refere ao empírico e ao imaginário (o arranjo das unidades)”.

Esse elemento simbólico que lemos na imagem, a ânsia urbana de atravessar o rio pela ponte direciona ao que se lê nas imagens sobre o que acontece com a construção da ponte de concreto, ao lado do lugar dos frágeis casebres (Fig. 1), como se lêssemos na imagem o estado cumprindo a ordem do urbano que quer atravessar o rio, mas a construção da ponte de concreto não é o urbano, é o urbanístico, o planejamento, a organização de um lugar que tentará controlar o urbano, não dando a ler que é o urbano quem movimenta todo o político que se vê atravessado pelo acontecimento histórico que reverbera em acontecimento discursivo: ponte e seu entorno reformulado nas figuras 2 e 3.

3.2 Teresina e sua imagem entre rios e pontes nos arranjos da língua

Quando se percebe que, na atualidade, a imagem de cidade de Teresina está atrelada ao discurso sobre a ponte Estaiada, o que se esquece? Que antes, tal imagem era dada pela ponte Metálica. Em 1939, na cidade de Teresina, a ponte Metálica se torna acontecimento de linguagem.

As pontes evocam, no trânsito da cidade, gestos de leitura, modos distintos de compreender a significação do arquitetônico (as pontes), sobre os trajetos naturais (os rios) teresinenses no já dito sobre a imagem de cidade. As pontes de Teresina, em específico a Metálica e a Estaiada, sobressaem na comparação com as demais pontes teresinenses, por sua verticalização.

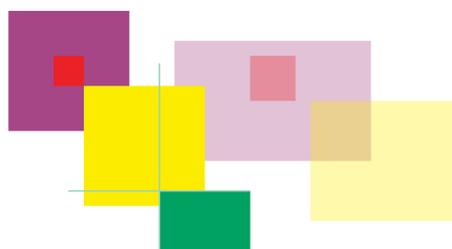


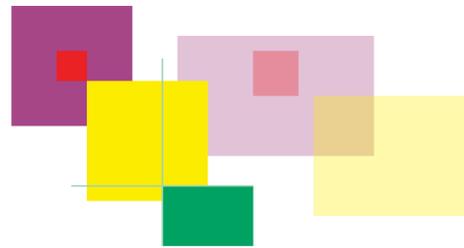
Figura 4 - Construção dos acessos da Ponte Estaiada, 2010 Disponível em: <https://www.jornaldaparnaiba.com/2010/10/pi-ponte-estaiada-de-teresina-recebe.html>. Acesso em 15 dez. 2021.

Os rios, elementos naturais, não são vistos em todo o seu manancial, estão cercados de mata ciliar em praticamente todo o seu leito urbano. Ao passo que as pontes, elementos artificiais, pela altura, especificamente as duas verticalizadas, conclamam materialidades significantes que formulam uma disputa pelo lugar de imagem ‘representativa’ de Teresina, como sendo seu ponto de referência. Os rios significam urbanisticamente os caminhos de água superados pelas pontes, lidas no dito discurso urbanístico como caminhos de concreto e metal por onde o fluxo citadino se desloca. A conexão não é mais dada pelos rios, mas pelas pontes.

A comemoração do aniversário da cidade de Teresina, em 2010, assume o protagonismo e lança a ponte Metálica⁵ na museificação, no passado. Os discursos sobre uma ponte dizem de uma disputa discursivizada, das relações de força em duelo para dizer: X [ponte Metálica] não é mais a imagem da cidade. Ela agora é Y [ponte Estaiada]. Nessa falha da afirmação imposta é que penso como Pêcheux (2014a): X é a imagem da cidade, mas Y também “ainda” é.

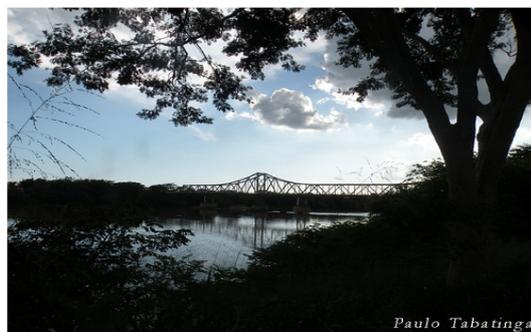
A imagem da ponte ‘nova’ que representa a cidade absorve pelas formações imaginárias as outras que não são ‘importantes’ nas formulações discursivas. Deve-se

⁵ 1939, conforme já pontuado, é o ano de inauguração da ponte Metálica.



pontuar que o novo, o acontecimento discursivo, no entanto, não consegue apagar 'ponte' como sendo símbolo. Assim, a adjetivação se desloca de 'metálica' para 'estaiada'.

O momento em que a ponte Metálica deixa de ser o cartão-postal escapa à inscrição, é deslocado, não é registrado, não é documento, sofre o apagamento. O acontecimento discursivo, a atualidade sendo a ponte Estaiada, e a memória a ponte Metálica, ecoa de algum modo, fazendo com que esse não inscrito circule na teia de memória que institucionaliza a imagem da cidade.

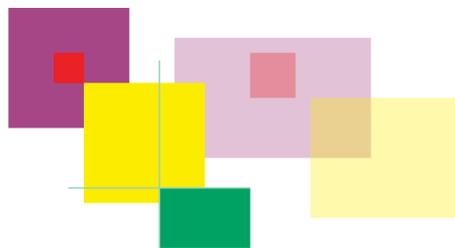


Como nos últimos dois Piauinautas a ponte nova (Estaiada) ficou em evidência, a velha ponte, muito enciumada, exigiu do poeta Paulo Tabatinga estas belas fotos que lhe deram nova roupagem...

Figura 5 - Ponte Metálica com legenda colocando-a em disputa com a ponte Estaiada. Disponível em: <https://piauinauta.blogspot.com/2010/06/dois-momentos-da-ponte-metalica.html>. Acesso em: set. 2020.

O blog *Piauinauta*, de onde recorto a imagem (fig. 5), tem a postagem intitulada como *Dois momentos da ponte metálica*, e data de 13/06/2010. Tenho uma questão interessante que corporifica a ponte Metálica por meio do que se toma por um sentimento, metáfora, que uma ponte teria tido ao perceber que a “ponte nova (Estaiada) ficou em evidência”. Pela metáfora que nesse enunciado funciona lemos “a velha ponte, muito enciumada, exigiu do poeta [...] estas belas fotos que lhe deram nova roupagem”.

Conforme se observa na legenda da imagem (fig. 5), “Como nos *últimos dois Piauinautas* a ponte nova (Estaiada) ficou em evidência, *a velha ponte, muito enciumada, exigiu* do poeta [...] essas belas fotos que lhe deram nova roupagem” (grifo nosso). A maior incidência de imagens/reportagens/fotos/materialidades discursivas, etc. sobre a ponte Estaiada “ponte nova” põe a reivindicação enciumada como a apontar um deslocamento, uma



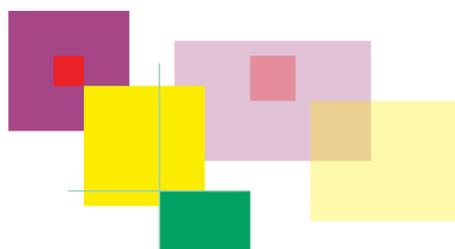
mudança na discursividade que diz da imagem de cidade no que se refere ao já dito sobre ela que remetia à ponte Metálica, a velha ponte.

Inclusive que esse registro imagético que se materializa pela foto(grafia), ocorre porque a ponte Metálica o 'reivindica'. Há ainda um dizer da reivindicação e o *ciúme* experimentado pela *ponte velha* que discursivizam um gesto de humanização da ponte. Compreendendo o funcionamento da língua pela metáfora é possível adentrar no funcionamento linguístico da nomeação das pontes para perceber um outro elemento de interesse.

Ao designar a nomeação que aparece entre parênteses (*Estaiada*), o processo de adjetivação se dá no formato substantivo + adjetivo = ponte + nova (Ponte – substantivo + nova – adjetivo) que reverbera em *Estaiada* como um elemento de nomeação que encapsula o próprio processo linguístico, de dar nome à ponte, e o histórico, que o adjetivo marca ao caracterizar a ponte com o termo *nova*.

No que se refere à *Metálica*, uma inversão linguística atenua e poetiza o próprio processo de nomeação. “Aparentemente”, no nível linguístico é adjetivo + substantivo = velha + nova ponte (velha – adjetivo + ponte – substantivo) que não reverbera em *Metálica* no plano da língua como no caso de (*Estaiada*), mas em um vazio de sentido cujo processo não chega à nomeação *Metálica*, como se prescindisse dele ao passo que na *ponte nova*, por ser nova esse processo “ainda” precise de um efeito de síntese-fechamento, ou seja, de uma materialização que incide em (*Estaiada*). Mas ao questionar esse elemento linguístico no plano sintagmático de sua constituição, pondo-o em uma sequência discursiva, percebo aquilo que o plano linguístico não dá conta de exprimir.

A forma ‘aparentemente’ normal, do mundo ‘semântica e sintagmaticamente’ normal da língua poderia justificar, pela aparência mesma do que materializa na forma matemática e exata da transparência linguística, o que escapa, isto é, um funcionamento que é o próprio linguístico, o usado discursivamente para dizer que do efeito de evidência, da transparência, irrompe a falha que desemboca na opacidade da língua. Assim, nas formas por meio das quais se teria uma relação sintagmática, a constituição de um sintagma nominal, mesmo tenuamente posto e transparente, irrompe uma falha que remodela a própria formula(ção) do dizer, ou seja:



substantivo + adjetivo = ponte + nova (Ponte – substantivo + nova – adjetivo) -> “(Estaiada)”

na qual Estaiada se vê com a ressalva () materializada linguisticamente e

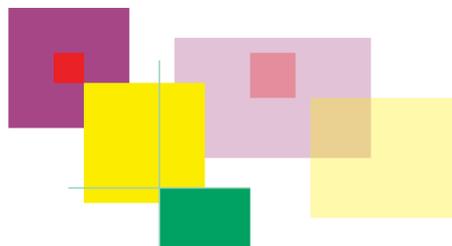
adjetivo + substantivo = velha + nova (velha – adjetivo + ponte – substantivo) -> [Metálica]

Nessa relação, *Metálica* não se marca na língua, mas se acha subentendida em []. Para perceber o que está pré-construído pelos constituintes gramaticais do funcionamento formal da língua e possibilita a desmontagem da lógica da forma, fórmula(ção), substantivo + adjetivo = ponte + nova (*Estaiada*) versus a lógica da forma, fórmula(ção) adjetivo + substantivo = nova + ponte [*Metálica*], é preciso que a categoria linguística do determinante seja aplicada aos substantivos (e não aos adjetivos) no processo de nomeação. Ou seja, seria preciso que as formulações fossem – e defendo que elas sejam – a *ponte nova* e a *velha ponte*.

O funcionamento linguístico de *velha*, na nomeação de *Metálica* não é a fórmula *adjetivo + substantivo = velha (velha – adjetivo + ponte – substantivo) -> [Metálica]*, uma vez que o determinante *a* só determina, pela ordem da língua posta na lógica, substantivo. Desse modo, o funcionamento discursivo do termo *velha* diz que *velha* é um substantivo, embora caracterize a dada ponte como *velha*.

A fórmula – *adjetivo + substantivo = velha – falha, uma vez que velha*, nessas condições de funcionamento, é substantivo, o processo de nomeação que incide pelo que não se marca no enunciado, mas consta no pré-construído [*Metálica*], teria a forma, fórmula(ção) – *substantivo + adjetivo = velha (velha – substantivo + ponte – adjetivo) –*, isto é, a mesma formação de nomeação se instaura tanto em *ponte nova* quanto em *velha ponte*, uma vez que a qualidade de ser *nova* e a qualidade de ser *ponte* está em relação com aquilo que *a* determina.

Os termos categorizados da língua, as ditas *classes de palavras*, dicotomizam, categorizam, pela gramática, pela sintaxe, pelo ‘semanticamente normal’; mas basta que os termos se desloquem, se desvinculem das regras ‘fixas’ e transparentes para que mudem de sentido e de função, na visada do discursivo. Desse modo, aquilo que Pêcheux (2014a) defende sobre a relação sujeito e ideologia na mudança do sentido das palavras, se coloca em pauta.



No funcionamento discursivo, as fronteiras significativas que dividem os termos da língua em uma dicotomia como substantivo *versus* adjetivo, pelo incômodo funcionamento de um determinante *a*, se mostram frágeis uma vez que, na transparência/evidência da linguagem, a opacidade/equívoco da língua se diz exatamente “naquilo que falha” (*idem*).

É importante dizer que cada imagem dispõe uma distinta discursividade de uma outra, neste caso, a ponte. Essa imagem – ponte – concreta circula discursivizada passando a significar, a ser significante naquilo que se textualiza sobre a ponte Estaiada. Ou seja, ela passa a significar pela materialidade simbólica um imaginário que surge não contra, mas sobre a ponte Metálica, trazendo à tona um efeito ideológico⁶ que ilusoriamente partiria do sujeito, fazendo com que o dispositivo se configure no interdiscurso que liga imagem de cidade a imagem de ponte.

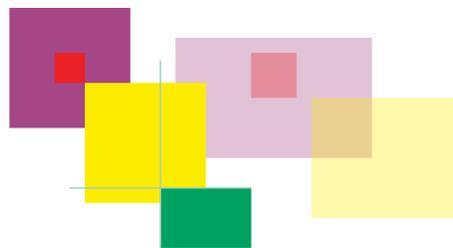
4. Uma tentativa de arremate

Este trabalho em seus propósitos possibilitou compreender que a ocupação do Nordeste, até a entrada do bandeirante no Piauí, fincava-se no litoral e na cultura canavieira. A entrada no sertão provocou a expulsão e aniquilação do indígena em prol da ocupação e expansão do gado que deveria, nas condições de produção colonial, ser assentada distante do litoral, local destinado ao cultivo da cana-de-açúcar.

Há nesse fato histórico uma memória que diz de um lugar ao qual o sujeito já pertenceu em uma determinada formação discursiva a partir da qual ele se posicionava. O que esse sujeito diz em sua “contra-identificação” é dito a partir dessa memória de história e de língua para apontar as exterioridades do discurso que já foram defendidas a partir do interior das formulações.

Conforme pontuado nas análises, o discurso vinculado ao rio Poti como lugar de enchentes viabilizou a imagem do rio Parnaíba como possibilidade de incidência do urbano. As marcas linguísticas configuram no texto a história do sentido que irrompe pelo discurso sobre o rio Poti.

⁶ É preciso atentar para o fato de que discursivamente a intenção é um efeito ideológico.



Nessa pesquisa, foi possível fazer uma leitura das pontes como integradoras, ligações entre as zonas teresinenses. A partir da mobilidade urbana, as pontes significam o escoamento, o trajeto de um sentido a significar diferente do que se textualiza sobre os rios quando as dimensões espaciais da cidade adentram, pela ligação da ponte, um novo ambiente.

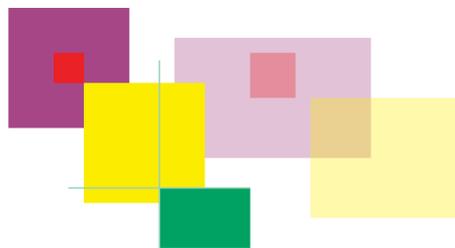
O investimento tanto das esferas estatais quanto privadas às margens do rio Poti conclama a leitura de toda uma nova produção discursiva sobre uma nova região urbana. Tal produção passa a ser replicada de modo intenso midiaticamente e reverbera uma nova imagem sobre a cidade. A instalação e construção de grandes empreendimentos arquitetônicos às margens do rio Poti, como shoppings e condomínios que incutiram na verticalização da cidade provocaram um deslocamento urbano das elites detentoras do capital financeiro que migraram do centro da cidade, localizado nas proximidades do rio Parnaíba para a Zona Leste, está às margens do rio Poty. A imagem da cidade de Teresina até então atrelada ao histórico passa a ser vinculada ao moderno.

Os cartões postais que até então representavam a parte mais antiga da cidade e seu vínculo com o rio Parnaíba e sua Ponte Metálica, passam a reproduzir com cada vez mais veemência uma imagem da cidade atrelada ao rio Poti e sua nova passagem, a Ponte Estaiada.

O acontecimento histórico ‘mudança da imagem sobre a cidade de Teresina’, incute no acontecimento discursivo do ‘deslocamento da representação da cidade do rio Parnaíba para o rio Poti’. O que pôde ser analisado discursivamente a partir da premissa pecheuxtiana, principalmente quando o autor fala a respeito da reprodução/transformação que para ele designa “... o caráter intrinsecamente contraditório de todo modo de produção que se baseia numa divisão de classes, isto é, cujo princípio é a luta de classes” (PECHEUX, 2014a, p. 130). Nesse entendimento, e com base no que discuti neste trabalho, a partir das materialidades significantes, os rios da cidade de Teresina, de certa forma, sempre segregaram a população.

Referências

ALBUQUERQUE JÚNIOR, Durval Muniz. **Nordestino**: invenção do falo. Uma história do gênero masculino (1910-1940). São Paulo, SP: Intermeios, 2013.



FAÇANHA, Antônio Cardoso. **A evolução urbana de Teresina**; passado, presente e... Carata CEPRO, Teresina, v.22, n.1, p.59-69), jan./jun. 2003.

INDURSKY, Freda. Retomando de Pêcheux a Foucault: uma leitura em contraponto. In: INDURSKY, Freda; FERREIRA, Maria Cristina Leandro (org.). **Michel Pêcheux e a análise do discurso**: uma relação de nunca acabar. São Carlos, SP: Claraluz, 2005.

MOTTA, Ana Luiza Artiaga R. da (2003). **O sujeito no discurso ecológico sobre a pesca na cidade de Cáceres Estado de Mato Grosso**. Dissertação. Mestrado em Linguística. Campinas: Universidade Estadual de Campinas.

NUNES, Odilon. **Pesquisa para a história do Piauí**. Volume 1. Teresina: FUNDAP; Fund. Monsenhor Chaves, 2007.

ORLANDI, Eni. **Cidade dos sentidos**. Campinas, SP: Pontes, 2004.

ORLANDI, Eni. Interpretação; autoria, leitura e efeitos do trabalho simbólico. Petrópolis, RJ: Vozes, 1996.

ORLANDI, Eni. **N/O Limiar da Cidade**. RUA, UNICAMP – NUDECRI. Campinas, SP, 1999. Rua. Campinas, SP, n. 5 <https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/rua/article/view/8640678> acesso em: 12 de dez. 2021.

PÊCHEUX, Michel. **O discurso**: estrutura ou acontecimento. Campinas, SP: Pontes, 2008.

PÊCHEUX, Michel. Papel da memória. In.: ACHARD, Pierre (org.). **Papel da memória**. Campinas, SP: Pontes, 2015.

PÊCHEUX, Michel. **Semântica e discurso**: uma crítica à afirmação do óbvio. Campinas, SP: Editora Unicamp, 2014a.

VIEIRA, José Mágnio de Sousa (2022). **Cidade entre rios, cidade inter pontes**: o discurso sobre as formações imaginárias de Teresina. Tese. Doutorado em Linguística. Cáceres: Universidade do Estado de Mato Grosso.